

BANCÁRIOS EM GREVE

Sindicato e Fetec-CUT/CN reafirmam que não aceitam perda de conquistas



A negociação de amanhã (sexta-feira) com a Fenaban, fruto da mobilização da categoria, traz a expectativa dos bancários de atendimento das nossas reivindicações por aumento real de salário, valorização do piso e avanços nas cláusulas sociais.

Os bancários da região Centro Norte estão muito preocupados com os rumos da Campanha Nacional de 2016, em face da claríssima estratégia que os banqueiros estão tentando impor à categoria, que é de quebrar a política de aumentos reais de salário e valorização do piso, vitoriosa nos últimos 12 anos, para ressuscitar a política de reajustes abaixo da inflação, adocicada com a concessão de abonos.

É desnecessário dizer que essa política, imposta pelos bancos durante o governo neoliberal de FHC, é extremamente nociva para os trabalhadores, porque rebaixa salário e tem impactos negativos nas férias, 13º e principalmente na aposentadoria.

Os bancos já tentaram impor essa lógica na campanha do ano passado, mas foram derrotados pela mobilização da categoria e pela firmeza das entidades sindicais. Os banqueiros insistem de novo com essa estratégia após o golpe parlamentar, com a volta de um governo neoliberal que está preparando uma série de medidas de retirada de

direitos sociais e trabalhistas.

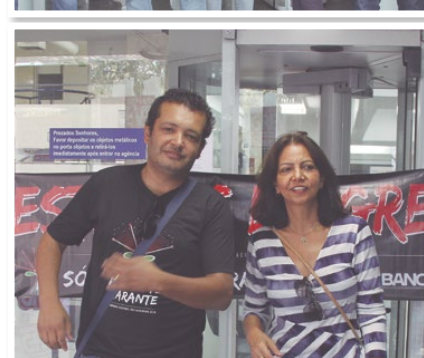
É uma estratégia que, além de impor perdas, traz o risco de divisão da categoria bancária, que conquistamos a duras penas, que também era um fator importante na política de arrocho salarial da década de 1990. Se vacilarmos e os bancos conseguirem impor essa política, terão mais força para retirar outros direitos nas campanhas futuras.

O que está em jogo é o modelo de contratação de reajustes salariais, entre a política vitoriosa dos últimos 12 anos de aumentos reais de salário e valorização do piso, com impacto nos planos de cargos e salários dos bancos públicos, e a volta ao passado de perdas inflacionárias dos anos 1990, com a troca de reposição da inflação por abonos, deteriorando o poder de compra dos salários.

Por tudo isso, temos que continuar firmes na nossa estratégia e deixar bastante claro aos banqueiros na rodada de negociação desta sexta-feira, dia 9, que a categoria não aceitará em hipótese alguma proposta que rebaixe salário e desvalorize o piso.

Enquanto não formos atendidos vamos fortalecer ainda mais a nossa greve além de apoiar as mobilizações das outras categorias em campanha salarial.

**Federação dos Trabalhadores em Empresas de Crédito do Centro Norte
Sindicato dos Bancários de Brasília**



Bancários seguem mobilizados na greve em dia de negociação com a Fenaban

A greve nacional dos bancários entra nesta sexta-feira (9) em seu quarto dia crescendo cada vez mais. Iniciada na terça (6) como resposta à vergonhosa proposta de reajuste salarial e de abono oferecida pela Fenaban, 7.359 agências, centros administrativos e serviços de atendimento ao cliente aderiram ao movimento no primeiro dia. Em Brasília, cerca de 70% das agências pararam, além de adesão nos prédios do BB, da Caixa e do BRB.

Considerados recordes, os números de adesão, equivalente a 32,25% do total de agências no país, foram 17,7% maiores do que os do ano passado, o que levou a Fenaban a chamar os representantes dos trabalhadores para uma nova rodada de negociações, marcada para esta sexta-feira (9), às 11h, em São Paulo.

Nesta quinta-feira (8), terceiro dia de



greve, 8.454 agências e 38 centros administrativos tiveram as atividades paralisadas em todo o Brasil - um crescimento de 13% na comparação com a terça.

Os bancários reivindicam, além da reposição da inflação do período, de 9,57%, mais 5% de aumento real, valorização do piso salarial, combate às metas abusivas e ao assédio moral, fim da terceirização, mais segurança, melhores condições de trabalho. A defesa do emprego também é prioridade, assim como a proteção das empresas públicas e dos direitos da classe trabalhadora.

Denúncias

No terceiro dia de paralisação, bancários do Banco do Brasil denunciam que está havendo a distribuição de certificados VPN. Quem não conseguir entrar no prédio do banco está autorizado a utilizá-lo fora do ambiente de trabalho, ou seja, o sistema possibilita que o bancário continue exercendo suas atividades mesmo não estando no local de trabalho.

O Sindicato alerta que essa medida fere o direito de greve, pois é evidente que visa apenas a atrapalhar a mobilização, uma vez que o banco permite o uso do VPN somente no período de paralisação. Além disso, traz riscos para os bancários, que não devem aceitar esse tipo de coação. Portanto, os funcionários devem ficar atentos para não caírem nessa armadilha, que pode também prejudicar o bom andamento do movimento.

Maiores bancos lucram R\$ 29,7 bilhões, cobram caro e pagam pouco

Tarifas e juros altíssimos não asseguraram aumento nos salários, melhoria nas condições de trabalho e, muito menos, serviços de qualidade. Esta lógica garante, sim, que o setor financeiro atravesse a crise pela qual passa a economia mundial sem arranhões na sua lucratividade.

Pelo menos é o que apontam os números no primeiro semestre de 2016, quando os cinco maiores bancos (BB, Caixa, Itaú, Bradesco e Santander) chegaram a R\$ 29,7 bilhões de lucro.

"Esta concentração do setor bancário

em poucas empresas acaba facilitando a cobrança exorbitante de tarifas, o que prejudica o consumidor, os bancários e toda a economia brasileira", afirma o secretário de Imprensa do Sindicato, **Rafael Zanon**.

No primeiro semestre de 2016, segundo informações do Dieese, os cinco maiores bancos brasileiros em ativos totais apresentaram resultados expressivos diante do montante de R\$ 5,8 trilhões em ativos, com evolução de 6,5% em 12 meses, patrimônio líquido de R\$ 410 bilhões e lucro líquido recorrente

(sem efeitos extraordinários) na ordem de R\$ 30 bilhões.

Já as receitas com serviços e tarifas totalizaram R\$ 55 bilhões, com alta de 8,7%, enquanto as despesas de pessoal somaram R\$ 43 bilhões (+6,6%), permitindo um índice de cobertura total por volta 104% em junho de 2016. Ou seja, somente as receitas de serviços e tarifas cobrem integralmente as despesas de pessoal e ainda garantem excedentes sem comprometer o resultado em lucratividade.

Com tanto lucro, os bancos deveriam diminuir os valores das tarifas e aumentar os salários dos bancários. Nada disso tem acontecido. Nas negociações de 2016, até agora, os bancos sinalizaram para um pífio aumento de apenas 6,5%, alegando que o índice é a projeção da inflação para os próximos 12 meses. O que eles esquecem é que o percentual de aumento deve atender à inflação relativa ao mesmo período, referente ao passado.